

RADIOJORNALISMO E MEMÓRIA: A EVOLUÇÃO DAS TRANSMISSÕES ESPORTIVAS DE RÁDIO NA REGIÃO

Fabrcio Colombo Jnior¹

Lize Burigo²

RESUMO

O presente artigo descreveu a evoluo das transmisses esportivas de rdio na regio de Criciua, Santa Catarina. O estudo intencionou resgatar a memria do meio de comunicao com profissionais experientes das rdios Eldorado e Difusora, consideradas as mais antigas da regio. Com base em autores como Bosi (2019), Cunha (2007), Ferrareto (2000), Rodrigues (2013), buscou-se compreender questes histricas e tecnolgicas das transmisses. Para alcanar estes resultados, o pesquisador realizou entrevistas no estruturadas com repórteres e tcnico de radiodifuso, que contaram suas experincias em coberturas esportivas desde a dcada de 80 at os dias atuais. Com isso, foi possvel concluir que com a evoluo tecnolgica a qualidade sonora das transmisses e os equipamentos utilizados atualmente facilitaram o trabalho dos repórteres e garantiram ao rdio a continuidade de um pblico fiel. E mesmo com a chegada da internet e aumento na quantidade de novos meios de informaes, o rdio se mantm o mais gil e objetivo veiculo de comunicao. E assim continua se reinventando por meio de maior interao com os ouvintes e plataformas digitais

PALAVRAS-CHAVE: Memria; Rdio; Esporte; Radiojornalismo.

¹ Acadmico de Graduao do Curso de Jornalismo da Satc, email: fabricio_jr7@hotmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora Mestre do Curso de Jornalismo da Satc,
email: lize.burigo@satc.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O rádio passou por diversas mudanças ao longo de sua história. De acordo com Ferrareto (2001), foi necessário se reinventar para manter-se presente e como forte meio de comunicação. Guglielmo Marconi e Roberto Landell de Moura dividem o título de inventores do rádio. Há autores que citam o italiano como criador, já outros apontam que foi o brasileiro quem o inventou, conforme veremos no capítulo 3 deste artigo.

Mas tratando-se do brasileiro, Prado (2012) destaca que as primeiras experiências de Landell foram realizadas nos anos de 1892 e 1893, em Campinas e na capital paulista. A partir daí o meio de comunicação passou a se expandir e teve alguns marcos durante sua história. Na Era de Ouro vivenciada na década de 1940, o rádio ganhou amplo alcance e mais adeptos. Kochhann (2011) afirma que a ampla concorrência fez com que as emissoras buscassem se especializar e melhorar ainda mais suas frequências e programações. Conteúdos de entretenimento, radionovelas, programas de auditório e programas humorísticos passaram a fazer parte da programação radiofônica.

Outro ponto forte do rádio foi o investimento em coberturas esportivas, foco desta pesquisa. Em um estudo, Rangel (2012) analisou a cobertura radiofônica das Copas do Mundo, até a edição de 2010. Na análise destacam-se as evoluções tecnológicas, como por exemplo na Copa de 1994, quando a Rádio Globo fez as primeiras transmissões utilizando celulares, inovando em tecnologia com as demais emissoras.

Desta forma, as coberturas esportivas locais também passaram a ganhar maior visibilidade e qualidade. Porém, para conhecer o processo de evolução das coberturas esportivas radiofônicas, é necessário fazer um resgate da memória daqueles que viveram direta ou indiretamente estas transformações. As lembranças podem ser resgatadas daqueles que presenciaram ou não tais situações. Bosi (2019) frisa que, mesmo não presenciando algo, a pessoa é capaz de memorizar por meio daquilo que leu ou ouviu.

Diante desse quadro, apresenta-se como problema de pesquisa: Como ocorreu a evolução das transmissões esportivas de rádio em Criciúma, tendo em vista questões históricas e tecnológicas? Assim, o objetivo geral é identificar como foi a evolução das transmissões esportivas de rádio na região de Criciúma, no tocante às questões históricas e tecnológicas. Uma retomada ao passado, tendo as rádios Eldorado e Difusora, as mais antigas em coberturas esportivas do Sul Catarinense, e profissionais destas emissoras como fonte de pesquisa, além de técnico de radiodifusão. Os objetivos específicos são resgatar as memórias

que contam a história das transmissões esportivas do rádio em Criciúma e identificar de que forma ocorreram as evoluções tecnológicas facilitando o trabalho dos profissionais.

Como percurso metodológico, este estudo se norteou por meio de uma pesquisa básica com o fim de “ampliar, aperfeiçoar, complementar ou corrigir o conhecimento humano” (RAUEN, 2015, p. 164). Segundo o autor, não se pretende ou percebe-se aplicação imediata neste tipo de pesquisa, que busca verdades e interesses universais.

Quanto à abordagem do problema o método é qualitativo, pois não utiliza dados estatísticos, tendo como objetivo uma pesquisa descritiva. Segundo Rauen (2015), a entrevista não estruturada, a observação de campo, a análise documental e a história de vida fazem parte deste método. Essas entrevistas ficaram disponibilizadas em uma plataforma digital acessada por um *QR Code*³, anexado no final do trabalho.

Quanto aos procedimentos técnicos o pesquisador se embasou em uma revisão bibliográfica, oral e histórica com a utilização de entrevista não estruturada. Rauen (2015) destaca que neste método é exigido um domínio maior das técnicas de entrevistas do pesquisador, para evitar que em momentos não propícios a entrevista se encaminhe para um beco sem saída.

2 A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA NA TRAJETÓRIA JORNALÍSTICA

A memória permite reviver momentos marcantes na vida das pessoas. A história só é permitida ser contada quando existe por trás uma memória, que relembre os fatos, para que eles possam ser contados a outras pessoas. Bosi (2009) afirma que quanto mais distante uma lembrança que é relatada, mais refere-se a algo que foi contado por testemunhas.

A autora destaca ainda que as pessoas são apenas testemunhas de suas recordações e que por vezes ainda não creem no que seus próprios olhos veem, tendo assim que ter a confirmação pelos olhos dos outros.

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates (BOSI, 2009, p. 407).

De acordo com a autora, recordar fatos nem sempre está sujeito a apenas uma determinada pessoa. A lembrança coletiva também colabora e como um quebra-cabeça auxilia na reconstituição de um fato, por meio do conto. Algo que foi presenciado em grupo tem

³ Código de barras bidimensional que pode ser escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera.

maior chance de ser recordado com maior riqueza de detalhes do que o que foi vivido de forma individual.

Halbwachs (1990) cita que mesmo tendo uma memória individual a pessoa não necessariamente estará fechada. Para lembrar do seu próprio passado, o indivíduo tem a necessidade de consultar a memória dos outros. Os pontos que saem de fora dele e que são retratados na comunidade são os mais consultados.

Ele reforça ainda a teoria de que nos lembramos apenas daquilo que vimos, passamos, sentimos e fizemos em um determinado momento. Além de destacar que a memória é estreitamente limitada no espaço e no tempo. Já sobre a memória coletiva, o autor afirma que os limites não são os mesmos. A busca por informações por meio de leituras ou conversação possibilita o conhecimento de outras histórias que aconteceram antes mesmo de sequer existirmos.

Tendo essas duas formas de memórias, Halbwachs (1990) diz ainda que elas podem ser classificadas de dois modos, sendo memória pessoal e memória social.

Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda a história da nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria naturalmente bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado se não sob uma forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso (HALBWACHAS, 1990, p. 55).

Segundo Bosi (2009), uma memória coletiva é desenvolvida através de laços de convivências, sendo elas escolares, profissionais e familiares. Ela cita como exemplo a busca por um amigo desaparecido, que só consegue ser feita quando recolhemos vestígios a partir do que dele foi guardado e pelos depoimentos de pessoas que os conheceram.

Da mesma forma, a tese se encaixa para o perfil jornalístico. A história ganha maior amplitude para ser contada quando se consegue um grupamento maior de pessoas que vivenciaram tal fato para poder contá-los à sociedade, fazendo com que aqueles que não vivenciaram tais acontecimentos possam também viajar no tempo e conhecê-los. Com isso, este é o foco deste estudo, resgatar as memórias esportivas do rádio criciumense, para que as pessoas conheçam o processo de evolução deste meio de comunicação.

Na área esportiva, as principais memórias que se tem em nível nacional são as conquistas de Copa do Mundo por parte da Seleção Brasileira. Em muitas delas, o rádio é o principal aliado, pois esteve presente nos principais títulos e por meio de suas ondas sonoras proporciona até hoje lembranças com riquezas de detalhes de algo que se passou há muito tempo. Em Criciúma não foi diferente. O meio de comunicação contou as principais

conquistas do time de futebol da cidade, marcando a vida de muitos que não podiam ir aos estádios, ou que de longe acompanhavam seu clube de coração.

2.1 A MEMÓRIA DO RÁDIO

No decorrer dos anos o rádio passou por transformações constantes e, devido ao avanço da tecnologia, precisou se reinventar. Segundo Ferrareto (2001), a história do meio radiofônico consiste em duas linhas de raciocínio diferentes, mas que se complementam. Uma delas mostra a teoria do desenvolvimento de uma tecnologia que permite a transmissão de som a distância, sem fios, enquanto a outra fala da utilização dos avanços técnicos no meio de comunicação de massa.

O autor entende também que é possível unir estas duas formas, pois os equipamentos utilizados no rádio são semelhantes aos da radiotelefonia, sendo alterados apenas os objetivos da transmissão. Porém, ele explica a diferença. “No telefone, tem-se uma comunicação bidirecional e privada entre duas pessoas. O rádio pressupõe um fluxo unidirecional e público no qual se envia uma mesma mensagem para centenas ou milhares de pontos de recepção” (FERRARETO, 2001, p. 79).

Segundo Prado (2012), a informação reconhecida por historiadores do mundo todo e presente em grande parte da literatura nacional e estrangeira é de que o cientista italiano Guglielmo Marconi é intitulado como o inventor do rádio. Mas a autora também destaca que livros e pesquisas acadêmicas apontam o padre e cientista brasileiro Roberto Landell de Moura como o criador.

A diferença entre o italiano e o brasileiro é que Marconi foi responsável por conseguir uma transmissão de sinais telegráficos, denominado radiotelegrafia, sem a utilização de fios e em código Morse. Já Landell tornou-se o pioneiro na transmissão a distância por meio de ondas eletromagnéticas, sem fios e com a voz humana.

Prado (2012) aponta que as primeiras experiências de Landell em solo brasileiro foram realizadas nos anos de 1892 e 1893, em Campinas e na capital paulista. Porém, a mais conhecida foi a primeira através de ondas eletromagnéticas, utilizando a voz humana. “Essa experiência ocorreu em São Paulo, entre o Alto de Santana e a av. Paulista, e foi noticiada pela imprensa, com o jornal O Estado de S. Paulo” (PRADO, 2012, p. 34).

3 O AVANÇO TECNOLÓGICO DO RÁDIO NO BRASIL

Segundo Ferraretto (2000), a primeira transmissão de rádio no país foi no dia 7 setembro de 1922, no alto do Corcovado no Rio de Janeiro, durante o centenário da Independência. Autoridades civis e militares receberam 80 receptores que foram distribuídos, possibilitando o acompanhamento das transmissões em diversos pontos. Porém, Ferraretto (2017) lembra das experiências realizadas em Recife pela Rádio Clube de Pernambuco em 1919, e destaca que tais foram ignoradas como pioneiras pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) e o antigo Ministério das Comunicações (Minicom).

A partir daí, Roquette Pinto passou a se interessar pelo assunto e em 1923 fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira emissora regular do Brasil.

Kockhann, Freire e Lopez (2011) afirmam que surgiram novas emissoras de rádio no Brasil a partir da regulamentação da publicidade. As primeiras tentativas de transmissão de informação começaram a surgir também nesta época.

Na década de 1930 as rádios começam a se configurar como empresas nas quais a competição passava a ditar a programação. Impulsionadas pela industrialização, as empresas de diversos setores descobrem o poder do rádio como mídia, e este passa a ser eficaz no estímulo do consumo” (KOCHHANN, FREIRE E LOPEZ, 2011, p. 5).

Ainda segundo os autores, na década de 1940 o rádio viveu a sua época de ouro. Naqueles anos, a concorrência era grande, com isso a disputa pela audiência era acirrada, fazendo com que os produtores direcionassem seus olhares a conteúdos de entretenimento, radionovelas, programas de auditório e programas humorísticos. Kochhann, Freire e Lopez (2011, p. 6) destacam que “a busca pela audiência fez com que algumas emissoras buscassem novidades, como foi o caso da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que lançou o Repórter Esso (...)”.

Com a criação do Repórter Esso, Rodrigues (2013) revela que houve mais investimentos na parte tecnológica da Rádio Nacional e entre as modernidades destaca-se o gravador e o transistor, que revolucionaram a produção e a recepção do rádio por meio de mensagens. Mas apesar das iniciativas de melhoria dos programas radiofônicos e compra de equipamentos modernos, a ascensão da televisão fez com que muitos anunciantes migrassem do rádio para as telas de TV. Para Rodrigues (2013), era o fim da Era de Ouro, um momento em que o rádio precisou se reinventar.

Para escapar da situação complicada, o rádio encontrou na parte eletrônica um grande aliado. Ortriwano (1987) cita a criação do gravador, como exemplo, pois foi possível montar reportagens gravadas, com maior qualidade, reduzindo o número de programas ao vivo. Já o

transistor, conforme Rodrigues (2013), foi peça importante devido à portabilidade dos receptores e gravadores, porém, para conseguir inovar, as emissoras precisaram adaptar seus processos de produção.

Nessa época, o rádio também passou por uma grande inovação, com o surgimento de emissoras que conseguiam explorar melhor a qualidade sonora de seus conteúdos em suas transmissões.

Na mesma década, passaram a surgir emissoras com transmissão em frequência modulada (FM). Até então, usava-se apenas a amplitude modulada (AM), por meio das ondas médias (OM), das ondas curtas (OC) e das ondas tropicais (OT). A principal vantagem é que a transmissão em FM possui qualidade sonora superior. Contudo, não tem a mesma capacidade para atingir longas distâncias (RODRIGUES, 2013, p. 8).

Ferraretto (2000) destaca que na década de 1980 a informação e a programação segmentada passam a tomar conta do sinal radiofônico. A popularização das transmissões via satélite também fortaleceram as redes de rádio nesse período. Ainda segundo o autor, houve crescimento no consumo de aparelhos transmissores individuais, principalmente os que viravam tendência, como *os walkman*, e também o consumo público orientado a grupo de nicho marcado pela popularização do *Boom Box*, que funcionava como toca-fitas e transmissor de AM e FM.

A rotina do radiojornalismo passou por uma mudança na sua configuração na década de 1990. O uso do celular e da internet como fonte e suporte para informação fez com que o conteúdo fosse gerado de forma mais rápida e com maior qualidade pelos produtores, repórteres e apresentadores. Dessa forma, o radiojornalismo passou a ser ainda mais afetado pelo processo de convergência.

Kuhn (2000) reforça que a convergência midiática entre o rádio e a internet surgiu em 1995, com o boletim eletrônico iRádio, que tinha por objetivo divulgar e acompanhar as mudanças no rádio provocadas pela internet. Nessa mesma década começaram a surgir as *webrádios* no Brasil.

No Brasil, há uma grande dificuldade cronológica de se afirmar com precisão qual foi a primeira *webrádio*: a Manguetronic, do grupo Mangue Beat (1996) ou a rádio Totem (1998). Trigo-de-Souza (2004) afirma que a experiência da *webrádio Manguetronic* foi pioneira no Brasil, entretanto sua programação não era contínua. A cada quinze dias era veiculado um programa inédito. O principal objetivo da *webrádio Manguetronic* era incrementar a programação radiofônica aos elementos hipertextuais da internet, disseminando a musicalidade do grupo *Mangue Beat* e dos grandes nomes da MPB (Música Popular Brasileira) (BRAZ, 2012, p. 7).

A autora afirma ainda, que mesmo com uma comunicação multimidiática, as *webrádios* devem primar pela qualidade do áudio para uma boa difusão de seus conteúdos.

4 AS MUDANÇAS NAS TRANSMISSÕES DE RÁDIO

O rádio tem sido estudado desde sua criação até os dias atuais. O companheiro de informações e entretenimento passou por diversas evoluções desde seu início. Atualmente, se faz rádio de maneira tradicional, por meio do AM e FM, e também pela internet, com *web rádios*, *podcast*, aplicativos, dentre outras formas.

Segundo Farias e Zuculoto (2017), os aspectos estudados do rádio são os mais variados, indo desde a mudança de comportamento ao desenvolvimento da tecnologia nas transmissões.

A primeira onda de mudança no rádio situamos nos anos 20 e se dá com a própria implantação do meio; uma verdadeira revolução tecnológica à época, quando o principal veículo de informação da população era o jornal impresso. Esta fase de instalação foi de muita improvisação e amadorismo, mas nos anos seguintes o rádio viveu o seu auge como meio de comunicação de massa, em sua “Era de Ouro”, aproximadamente a partir de 1935 (FARIAS; ZUCULOTO, 2017, p. 3-4).

Ao longo dos anos, o número de rádios comerciais foi crescendo, fazendo com que a concorrência aumentasse, exigindo das emissoras mais qualidade artística e sonora para a comercialização de seus produtos. De acordo com Farias e Zuculoto (2017), a regulamentação da publicidade no rádio, autorizada por decreto em 1932, fez com que o profissionalismo aumentasse nos veículos de comunicação e que as transmissões deixassem de serem precárias.

Os equipamentos mais leves e menores chegaram na década de 1950, facilitando o trabalho dos radialistas, principalmente dos repórteres. Estes aparelhos com novas tecnologias também influenciaram o jeito de se fazer rádio.

Mesmo com todo o avanço citado anteriormente no mundo do rádio, não se pode negar que o principal e que fez o meio de comunicação se expandir de forma mais grandiosa é a internet. Cunha (2007) explica que com esse avanço o indivíduo pode criar a sua própria emissora e decidir se escolherá compartilhar para o mundo todo ou somente para um grupo de amigos.

Aliado a isso, o rádio também ganhou a velocidade na informação, pois a internet facilita com que produtor e apresentador, principalmente de programas de jornalismo, saibam em tempo real o que está acontecendo em sua região ou qualquer lugar do mundo por meio dos portais de notícias. Outro ponto que pode-se destacar é a participação do ouvinte. Com a evolução do rádio, as mensagens antes enviadas por cartas, ligações, mensagens de texto, hoje podem ser compartilhadas em redes sociais, inclusive com fotos e vídeos, fazendo com que muitas vezes a informação chegue mais detalhada aos profissionais de imprensa.

O ingresso do rádio no ambiente *on-line* e a incorporação das tecnologias de informação e comunicação na relação entre o meio e sua audiência, favorece a disponibilização de múltiplas opções para que o ouvinte possa se manifestar e até mesmo buscar interferir na programação radiofônica. A interatividade, assim, se expande através dos ambientes digitais onde o meio se insere (LOPEZ, 2015, p. 9).

A autora cita ainda que a interação provoca a necessidade de constantes ajustes na programação radiofônica, pois o ouvinte ganhou maior relevância dentro da grade da emissora.

5 A EVOLUÇÃO DAS COBERTURAS ESPORTIVAS NO RÁDIO BRASILEIRO

Segundo Bessalho (2005), e como já referenciado nesta pesquisa, o radiojornalismo brasileiro teve início somente com transmissões ao vivo, sem reportagem, os programas não continham vozes de repórter e muito menos de fontes. No começo apenas o apresentador falava, lendo notícias ou fazendo comentários sobre elas. A reportagem com presença de repórter e sonoras (vozes de fontes) começou a aparecer na década de 1950. Conforme Zuculoto (2004), na década de 1960, quando estava no auge da transformação do rádio sob o impacto da televisão, o veículo ficou desconfigurado, em relação ao que viveu na sua Era de Ouro na década de 40. Mas mesmo assim conseguiu transformar-se, inclusive com o auxílio de reportagens.

Em suas diversas coberturas externas, o rádio passou por mudanças ao longo dos anos, não sendo diferente na área esportiva. O amor do brasileiro pelo futebol foi aflorado e contou com a ajuda do rádio, pois antes da televisão era somente por meio dele que de longe as pessoas podiam acompanhar os jogos em tempo real.

Mesmo com o avanço tecnológico e com a chegada da televisão, o rádio não foi esquecido, nem quando a TV ainda era novidade. Rangel (2012) lembra que a Copa do Mundo de 1974 foi transmitida em cores para 70 países e que no Brasil mais de 10 milhões de lares já tinham essa condição para assistir aos jogos. No entanto, o rádio ainda era forte e unia muitas pessoas que não podiam acompanhar pela televisão.

Mas, muitos dos apaixonados pelo futebol que ainda não possuíam televisão em casa, nos dias de jogo da Seleção Brasileira, aglomeravam-se em frente às lojas de eletrodomésticos, com seus radinhos de pilha grudados nos ouvidos, para assistirem às imagens transmitidas pela televisão (RANGEL, 2012, p. 9).

Os grandes eventos esportivos contribuíram com o crescimento de algumas emissoras que apostaram no esporte como seus principais produtos. Um exemplo citado por Rangel (2012) é o da Rádio Gaúcha AM, que na cobertura da Copa do Mundo de 1978 montou uma

forte equipe para buscar consolidação na área esportiva, que até então era dominada pela Rádio Guaíba AM.

Ainda sobre edições de Copas do Mundo, Rangel (2012) cita que uma das mais difíceis coberturas foi a de 1982. Dois anos antes da competição, a Rede Globo de Televisão já se estruturava para ser hegemônica nas transmissões e chegou no seu ápice ao comprar os direitos da transmissão do Mundial da Espanha, pelo valor de US\$ 14 mi.

Essa investida, que contava ainda com a voz potente de Luciano do Valle na narração, sinalizava para o rádio a necessidade de alternativas para concorrer com a força da imagem e dos recursos do veículo em ascensão. Nos anúncios publicitários da época ficava evidente a primeira e eficaz tática adotada pelo rádio: todo mundo de olho na TV e ouvido e coração no rádio (RANGEL, 2012, p. 10).

A primeira Copa com transmissão envolvendo o celular foi a de 1994, justamente na edição em que a Seleção Brasileira foi tetracampeã. Naquela edição, a Rádio Globo alugou dois aparelhos celulares para realizar as transmissões, fazendo com que a qualidade do som fosse cada vez melhor.

Rangel (2012) aponta que no ano do penta as rádios brasileiras tiveram uma certa dificuldade devido à distância dos países sedes, no caso Coréia do Sul e Japão, e pela falta de tradição do esporte nesses locais. Dessa maneira, os ouvintes não tiveram muitas opções para vozes diferentes.

Já em 2010, o estado de Minas Gerais esteve bem representado com emissoras de rádio na Copa do Mundo, sediada na África do Sul.

As pesquisadoras Sonia Caldas Pessoa, Nair Prata, Maria Claudia Santos e Wanir Campelo revelam no artigo sobre a Copa de 2010, a estratégia da cobertura de 30 emissoras localizadas na Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, na Copa do Mundo de Futebol, em 2010, na África do Sul. O artigo aborda a cobertura in loco, as transmissões dos jogos, o espaço destinado à Copa, bem como curiosidades e depoimentos de profissionais que estiveram no primeiro campeonato mundial de futebol realizado no continente africano e ainda os desafios do rádio na mais importante competição esportiva do mundo (RANGEL, 2012, p. 13).

Nesse período citado de edições de Copa do Mundo, o rádio ganhou outros aliados, principalmente no final da década de 90 e início no novo milênio. A internet fez com que o alcance das emissoras de rádio fosse além dos radinhos de pilha ou fixos.

De acordo com Prata (2007, p. 12), uma dessas ferramentas que auxiliaram na expansão de transmissões sonoras foram as *webrádios*. “No dia cinco de outubro de 1998 entrou em funcionamento a Rádio Totem, a primeira emissora brasileira com existência apenas na internet”. A autora afirma também que em setembro de 2000, o suporte para web já recebia 191 emissoras.

6 MEMÓRIA DESCRITIVA DOS PROFISSIONAIS DO RÁDIO DA REGIÃO

O rádio segue sendo o principal meio de comunicação dentro da área esportiva, segundo o relato do repórter da Rádio Difusora⁴, Rogério Dimas. “A objetividade e a praticidade do veículo fazem com que a informação chegue de forma mais rápida aos ouvintes, do que a televisão ou até mesmo a internet”. A afirmação de Dimas revela o rádio ainda como o meio informativo mais veloz, independente de qualquer convergência, o que faz refletir sobre as informações dos teóricos Rodrigues (2013) e Ferrareto (2000) que sinalizam o rádio, ainda popularmente eficiente, devido a convergência com a internet.

Conforme destaca Cunha (2007), a maior contribuição da internet ao rádio, foi o acesso a informação com mais velocidade aos locutores, que em tempo real podem consultar notícias do mundo todo, por meio dos portais *online*. Fato que se pode destacar, que mesmo com a internet, o Rádio ainda se mantém o meio mais eficiente quando se trata de celeridade na transmissão.

E a soberania da instantaneidade do rádio, até mesmo sobre a televisão, conforme cita Dimas (2019), tem sua particularidade nas coberturas esportivas. Tanto que o esporte criciunense, amador e profissional, teve e tem, grande parte de sua história contada pelas emissoras de rádio, sendo a mais antiga dela a Rádio Eldorado⁵, com início na década de 40. Entre os repórteres esportivos mais experientes está o radialista o repórter Márcio Cardoso, que desde 1981 trabalha na emissora. Cardoso também entende que o meio de comunicação, independente da internet, ainda é o mais dinâmico da área.

Mas para manter seu status de popular e ágil, assim como em todo o cenário nacional, muitas foram as dificuldades de transmissões nas emissoras da região de Criciúma. A falta de praticidade e o excesso de equipamentos muitas vezes prejudicavam a transmissão de um jogo.

Eu trabalhava com fio, 150 metros, tx e rx, retorno e transmissão, fone de ouvido, uma maleta pendurada ao lado, o microfone acoplado na maleta, e era um sacrifício, principalmente em dias de chuva, você tinha que esticar aqueles 120, 150 metros. O duro era quando chovia muito e você fazia o jogo e tinha que recolher 120, 150 metros de fio e aquilo embarrava, você tinha que amarrar no braço, e pesava. Tinha que amarrar direitinho e depois guardar para o próximo jogo (CARDOSO, 2019).

O técnico de radiodifusão, Emerson Martins, que iniciou como estagiário na Rede de Comunicação Eldorado (RCE) em 1992 e posteriormente passou a trabalhar para Rádio

⁴ Inaugurada no ano de 1982, na cidade de Içara, e operando na frequência do AM 910

⁵ Fundada em 1946, em Criciúma, atualmente a emissora atua nas frequências AM 570 e FM 89,5

Eldorado, lembra de histórias que vivenciou em que os repórteres foram prejudicados pelo excesso de equipamentos. Um dos exemplos de excesso de equipamentos é mostrado na Figura 1. “Tu imagina um cabo de 150 metros, no início ele enrolado e o cara amarrado na cintura, muitos repórteres caíram. Eu presenciei muito a queda de repórter em função desse cabo pendurado ali” (MARTINS, 2019).

Figura 1: Rogério Dimas e João Manoel Machado, no ano de 1992.



Foto: Arquivo Pessoal

Dimas (2019) também destaca a dificuldade para as transmissões externas esportivas e lembra que nem sempre os integrantes da jornada esportiva sabiam se estavam no ar ou não.

Pra fazer externas era um dificuldade muito grande. Muitas ocasiões a gente era obrigado a transmitir sem saber se estava no ar, com retorno péssimo, ruído. Você transmitia o jogo e no outro dia as pessoas comentavam contigo e diziam que não dava pra ouvir nada. Houve uma evolução muito grande (DIMAS, 2019).

Desde a primeira transmissão radiofônica, em 1922, conforme Ferrareto (2000), o rádio passou a se estruturar e seguiu os avanços tecnológicos. Como registra Kochhann (2011), por mais que tenha vívido a Era de Ouro nos anos 1940, foi na década de 50, mais de trinta anos depois do rádio operar no Brasil, que equipamentos mais leves e menores chegaram ao país. E foi graças a concorrência com a Televisão, responsável pela migração dos anunciantes do rádio, que as emissoras como destaca Rodrigues (2013), melhoraram a programação e investimentos na parte tecnológica. E os jogos de futebol ganharam mais espaço, pois foi por meio das coberturas de conquistas nacionais que o rádio resgatou parte da audiência. No esporte criciumense, o veículo teve seu auge na transmissão de jogos do Criciúma Esporte Clube, como a Copa do Brasil de 1991, a Série B do Campeonato Brasileiro de 2002 e o Série C do Campeonato Brasileiro de 2006.

Destacando a importância da memória no rádio, Dimas e Márcio seguiram a linha raciocínio e estudos de Bosi (2009), que entende que algo vivido em grupo tem maior riqueza de detalhes nos momentos de lembranças. Cardoso (2019) relembrou como iniciou sua trajetória no meio de comunicação. Halbwachs (1990) cita que mesmo tendo uma memória individual a pessoa não necessariamente estará fechada a novas recordações. Mas mesmo assim, o repórter contou com detalhes.

Cardoso (2019) lembra que brincava de narrar jogos de futebol e de tanto seus amigos falarem dele para Clésio Burigo (em memória), jornalista esportivo que trabalhava na Rádio Eldorado, ele recebeu o convite para narrar Criciúma e Carlous Renaux de Brusque, em 1981.

Eu fui! O Clésio me deu um gravador, aquele grande, que hoje não é a tecnologia que nós dispomos. Eu fui lá, gravei o jogo, ele me deu uns textos de patrocínios e depois fiquei sabendo que eles tinham ouvido. A Rádio Eldorado recém tinha saído da Rui Barbosa e subido pro Morro Cechinel, junto com o complexo da RCE. Fiquei aguardando algum retorno (CARDOSO, 2019).

No início de carreira os repórteres não encontravam dificuldades somente nos dias de transmissão de jogos. Segundo Ortriwano (1987), o gravador foi uma das peças principais no auxílio das coberturas em campo. O aparelho auxiliava na gravação de boas reportagens e na qualidade sonora. E era com gravadores que os repórteres esportivos de Criciúma trabalhavam até a chegada de novas tecnologias, no início dos anos 2000.

Pouco tempo depois da estreia de Márcio, foi a vez de Dimas (2019) iniciar sua trajetória no rádio. Juntamente com seu colega, ele é um dos repórteres em exercício mais antigos que cobrem o Criciúma Esporte Clube. Para contar sua trajetória, o repórter se apegou em sua memória autobiográfica, que, segundo Halbwachs (1990), se apoia na memória histórica, pois toda história de vida é marcada na história em geral. Com isso, o profissional também relembrou seu início na profissão.

Em 1983 eu sai do exército e meu primeiro trabalho foi na Rádio Difusora, de rádio escuta. Eu fazia os trabalhos de ouvir as rádios Gaúcha e Guaíba, gravando os noticiários em fita cassete, depois eu ouvia novamente e redigia e fazia uma redação com a máquina de escrever passava para o apresentador fazer a apresentação. A partir dali eu recebi o convite do Afonso Martins na época, que era o narrador e coordenador de esportes, que me perguntou se eu jogava futebol. Ele perguntou se eu queria fazer cinco minutos de noticiário do esportes diariamente na Rádio Difusora. Eu fui com o máximo prazer, pois tinha amplo conhecimento e muitos contatos (DIMAS, 2019).

Mesmo dez anos após terem iniciado na profissão, no principal evento esportivo já registrado em Criciúma, com a conquista da Copa do Brasil, os avanços tecnológicos no rádio ainda eram quase que imperceptíveis para os repórteres. “De 81 a 91 não evoluiu. A qualidade do som era ótima, mas ainda assim dava problemas de chiado, linha que não era boa. Tinha

que pedir linha dois ou três dias antes” (CARDOSO, 2019). Na década de 90, os repórteres ainda utilizavam os mesmos equipamentos, como mostra na Figura 2.

Figura 2: Márcio Cardoso entrevista Telê Santana na década de 1990



Foto: Arquivo pessoal

O profissional recorda que o pedido de linha, em jogos no Estado, era feito para a empresa Telecomunicações de Santa Catarina (Telesc), solicitando a rede que conectaria o estádio com o estúdio, fazendo com que a transmissão fosse realizada. Nos jogos em outros Estados, o trabalho era feito com a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel).

Já Dimas (2019) lembrou de como eram utilizados os equipamentos pelos repórteres e como funcionavam as transmissões. “Inicialmente você transmitia dois fios e o retorno era um rádio na cintura. Depois vieram as maletas com transmissões e retorno com quatro fios. Naquela época ainda era quatro fios”, (DIMAS, 2019).

O repórter frisa que com a transmissão via quatro fios, com o retorno já acoplado na maleta, a transmissão trazia pouco mais de praticidade para os profissionais e qualidade sonora para os radiouvintes. Martins (2019) recorda que na década de 1990, para os técnicos, colocar uma jornada esportiva no ar não era nada fácil.

Naquele período era linha física. Existia a linha dois fios e a linha quatro fios. Então essas linhas elas tinham conexão do estúdio via uma operadora que na época era a Telesc, com esses fios, passava nessa operadora e ela levava até era onde o lugar do evento, quando era regional. Em outros lugares do Brasil utilizava-se outra operadora, que era a Embratel (MARTINS, 2019).

Enquanto as rádios da região trabalhavam com recursos mais limitados, a década de 90 foi um marco para as grandes emissoras do país, sendo a pioneira delas a Rádio Globo, que, como citou Rangel (2012), alugou dois aparelhos celulares para realizar as transmissões dos

jogos da Seleção Brasileira na Copa de 1994, fazendo com que a qualidade do som fosse cada vez melhor.

Outro meio de informação que auxiliou os repórteres da região anos depois foi a internet, que, conforme citou Ferrareto (2000) contribuiu com a velocidade e qualidade na geração das informações. Dimas (2019) concorda com o autor, e lembra que antes da chegada da internet as informações, em sua maioria, eram obtidas somente por aqueles que vivenciavam o dia a dia do clube, conforme já citado no primeiro parágrafo deste capítulo.

Além do celular e da internet, uma das principais evoluções que colaboraram nas transmissões esportivas e no papel dos repórteres foi a chegada dos microfones sem fio. Com o equipamento, os profissionais que ficam à beira do gramado passaram a ter maior mobilidade e facilidade em suas funções. Martins (2019) recorda que em Criciúma a utilização do microfone sem fio para repórter em dia de jogos teve início nos anos 2000. “O sem fio foi antes das melhorias de conexão do estádio com o estúdio. Com isso, o técnico já passou a ficar só na cabine” (MARTINS, 2019).

Outro aparelho que revolucionou as transmissões esportivas de rádio foi o *codec*, que é um codificador/decodificador, dispositivo de *hardware ou software* que codifica/decodifica sinais. Com a chegada desta nova ferramenta foi possível estabelecer conexões com outros lugares sem a necessidade de pedir linhas, como até então eram feitas as transmissões. Martins (2019) reforça que com o *codec* consegue-se transmitir, tendo um receptor no estúdio, em qualquer parte do mundo. Sendo assim, conforme citou Rangel (2012) sobre a evolução nas transmissões de Copa do Mundo das rádios nacionais, o país esteve bem representado com emissoras na edição de 2010, na África do Sul.

O primeiro *codec* da região, segundo o técnico Martins foi trazido de uma feira em Florianópolis, pela Rádio Difusora, em 2005. Ele lembra que por haver maior avanço da tecnologia já em outros lugares do país e do mundo, o equipamento já vinha com opções de conexão por telefone e internet.

Dimas (2019) destaca a praticidade de uma transmissão esportiva externa dos dias atuais, com o *codec*, e compara com a época em que era necessária a utilização de fios e maletas. “Você chega hoje pra transmitir um jogo e não precisa mais fazer solicitação da linha. Muitas vezes nos chegávamos no estádio e o pessoal da Embratel e da Telesc ainda não havia instalado seu equipamento” (DIMAS, 2019).

A praticidade passou a fazer parte da rotina dos repórteres, que não precisaram mais carregar diversos equipamentos nas transmissões, como mostra na Figura 3.

Figura 3: Rogério Dimas e Márcio Cardoso em jogo do Criciúma com microfones sem fio, acompanhados do jornalista Maurício Vieira.



Foto: Arquivo pessoal

Além da praticidade, *o codec* trouxe outra evolução dentro das transmissões esportivas externas. Como citou Rodrigues (2013) neste artigo, com a chegada de novas tecnologias como a televisão e a internet, foi necessário buscar novas maneiras de se fazer programações no rádio. Porém, esse novo jeito de fazer o meio de comunicação não passou somente pela parte de programação, mas sim pela qualidade sonora. E com o aparelho, as emissoras de rádio passaram a ganhar nesse quesito.

O técnico de radiodifusão, Martins reforça a importância do equipamento e em uma análise faz o comparativo na qualidade sonora atual com a época em que as transmissões eram feitas via linhas, dois ou quatro fios.

Com quatro fios o máximo que conseguia em termos de transmissão era de 3 quilohertz de qualidade áudio, pra se ter uma ideia hoje uma voz de uma pessoa chega a 20 quilohertz, então era muito ruim, além dos ruídos externos que tinha. Tu pegava uma linha com umidade ou com algum tipo de problema chegava muito mais ruído amplificado para colocar na rádio do que a própria transmissão (MARTINS, 2019).

Além da qualidade das transmissões em dias de jogos, as informações passadas pelos repórteres que acompanham o Criciúma Esporte Clube diariamente também ganharam maior praticidade. O telefone público, também conhecido como orelhão, recordado por Dimas (2019), que antes era disputado pelos profissionais que acompanhavam os treinos, perdeu espaço para os celulares.

Nesses aparelhos, novas tecnologias foram surgindo e outros equipamentos foram se extinguindo, como por exemplo o gravador de voz. Ao longo dos anos, os celulares passaram

a vir com essa função, fazendo com que o antigo equipamento fosse substituído por algo mais prático e fácil de ser carregado pelo profissional. Os aplicativos também contribuíram com o meio de comunicação. “Pra quem começou com um gravador do tamanho de um computador, depois passou pra um gravador menorzinho, e foi diminuindo, agora tem o WhatsApp⁶, que você grava entrevista, faz boletim... O WhatsApp foi um avanço espetacular pra rádio”, (CARDOSO, 2019).

O repórter cita ainda a praticidade de edição áudio, que no início de sua carreira era feito através de fitas, que após as gravações, os cortes feitos nas tinham que ser precisos, diretamente no ponto escolhido, caso contrário, o áudio sairia prejudicado. Após todas as evoluções recordadas, ele acredita que novas tecnologias ainda irão aparecer. “Mudou tudo. É muito mais fácil hoje. Eu imagino o que vem pela frente” (CARDOSO, 2019).

O repórter lembrou ainda de novas maneiras de se fazer transmissões esportivas, como as *webrádios*, que segundo Prata (2007) contribuíram com a expansão das transmissões, fazendo com que não ficassem apegadas apenas aos rádios convencionais ou portáteis.

Mesmo com as novas ferramentas, que trazem qualidade sonora, agilidade e praticidade na informação, Dimas (2019) comenta que precisa haver precaução dos profissionais ao passarem a informação, para não darem a conhecida “barrigada” no meio jornalístico, que ocorre quando um repórter divulgou algo de maneira equivocada, que não aconteceu ou não é verídico.

Hoje em dia tem muitas *fake news* e nós repórteres temos que estar muito atentos. Eu sou dessa linha e o Marcio Cardoso também de antes de divulgar a informação, checar. Eu já dei informação que depois não chegou, mas a pessoa que me passou me passava confiança. A propagação da informação pelo rádio, via internet e *WhatsApp* é muito rápida (DIMAS, 2019).

O avanço tecnológico fez com que muitas funções dentro do rádio sofressem alterações. O repórter, que antes carregava metros de fios e uma maleta acoplada em seu corpo, hoje necessita apenas levar um retorno, baterias reservas e um microfone sem fio. Não há mais necessidade de gastos com contratação de operadoras e profissionais para instalação de linhas de serviço. Além disso, o técnico de radiodifusão também passou a ter maior praticidade em dias de transmissões esportivas externas.

Hoje o técnico nem precisa estar mais no estádio. O próprio repórter e o narrador conseguem facilmente colocar um codec em funcionamento e fazer a conexão com o estúdio. Tens muitos técnicos hoje que ficam no próprio estúdio, porque de lá ele consegue ver o que está acontecendo nesse equipamento, pois é conectado com a internet (MARTINS, 2019).

⁶ Aplicativo para smartphones que permite a troca de mensagens instantâneas entre usuários em todas as partes do mundo, com o compartilhamento de áudios, fotos e vídeos

O técnico de radiodifusão frisa também que mesmo com toda a evolução de equipamentos, com a praticidade e a expansão de alcance das ondas sonoras, o rádio ainda tende a evoluir, seguindo a linha de se reinventar, para não ser substituído por mídias mais modernas.

A próxima etapa do rádio é o digital, ou seja, perda praticamente zero. Como a gente esjá tá nessa parte de transmissão já quase chegando nesse ideal, aonde chegar esse áudio ideal no estúdio, o próprio estúdio, a concepção com mesa, transmissor e esse sinal que vai para o ouvinte seja praticamente digital. Então seria com uma qualidade excepcional. Eu acho que isso que o rádio está partindo hoje (MARTINS, 2019).

Mesmo frisando as maneiras de fazer rádio de forma convencional, Martins (2019) reforçou também outros métodos de transmissões, inclusive associando áudio e vídeo, como por exemplo as *lives*, que são transmissões ao vivo em redes sociais ou canais de comunicação, com o *Facebook* e *Youtube*, já utilizadas por rádio da região, inclusive as duas citadas no artigo, a Eldorado e a Difusora.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo foi de identificar a evolução das transmissões externas esportivas do rádio na região de Criciúma e resgatar memórias sobre o meio de comunicação. Com isso, foi possível concluir que mesmo com as demais tecnologias, como a TV, a internet e os celulares, que surgiram durante os anos, a informação no rádio continua sendo a mais objetiva e veloz, se comparada com outros meios de comunicação, inclusive os portais de notícias. São afirmações dos três entrevistados desta pesquisa, corroborando com Cunha (2007).

Também devemos considerar que surgimento da internet não fez com que o rádio fosse extinto, mas exigiu que os profissionais que trabalham nesta área se adaptassem as modernidades tecnológicas. A velocidade das informações em portais de notícias e redes sociais contribuiu com o trabalho dos repórteres, que agora conseguem informações mais precisas e com maior facilidade. Além disso, o ouvinte passou a ter maior interatividade, muitas vezes sendo fonte de informação.

Um dos objetivos da pesquisa era lembrar como funcionavam as transmissões sem as tecnologias atuais, como por exemplo a própria internet. Três profissionais foram ouvidos, sendo eles dois repórteres e um técnico de radiodifusão. Eles lembraram fatos que muitos ouvintes de rádio jamais teriam conhecimento se não fosse a memória coletiva, descrita por Bosi (2009), desses profissionais.

Ao longo do artigo, estudou-se sobre memórias coletivas e individuais, e as respostas de Cardoso (2019) e Dimas (2019) foram coniventes com o que foi citado por Bosi (2009). Os repórteres afirmaram que há maior facilidade de contar as histórias do rádio quando estão no meio de outros profissionais que também as vivenciaram, do que de forma individual. Esse resgate de lembranças faz com que um auxilie o outro e que os fatos possam ser contados com maior precisão de forma coletiva.

Por meio das entrevistas foi possível compreender como o trabalho dos repórteres, nas décadas de 80 e 90, era mais difícil em relação aos dias atuais. Os equipamentos, que hoje são facilmente carregados ao corpo, como microfone e retorno sem fio e bateria, só passaram a ser utilizados na região depois dos anos 2000, conforme recordaram Cardoso (2019) e Dimas (2019). Antes disso, os repórteres, além de buscar informações precisas por meio de fontes próprias, precisavam se desdobrar com equipamentos pesados, de menor qualidade sonora e difícil instalação, para as transmissões. Durante os jogos, eles precisavam carregar metros de fio, que eram conectados em equipamentos acoplados ao corpo, como a maleta de transmissão.

O equipamento mais lembrado pelos profissionais foi o gravador de voz. No início da carreira dos repórteres entrevistados, nos anos 1980, era o equipamento que eles utilizavam em entrevistas coletivas em dias de treinamentos ou em apresentações de atletas, técnicos e diretores. Com o surgimento dos aparelhos celulares que fazem esta função, os profissionais ganharam maior conforto e agilidade, pois trocaram um equipamento grande por um menor, onde eles mesmos podem editar as entrevistas com os recursos oferecidos. Além disso, os aparelhos celulares fizeram com que o telefone público, que antes era disputado por repórteres para entrarem ao vivo, fosse esquecido.

Com as respostas de Martins (2019) também foi possível identificar maior praticidade e economia financeira nas transmissões por parte das emissoras. Hoje trabalha-se com um técnico de externas e um operador da áudio, no estúdio, além dos profissionais que participam das jornadas esportivas. Antes da chegada da internet havia a necessidade, além dessa equipe, de contratar um profissional de empresas de telecomunicações somente para instalar a linha de transmissão, sendo que muitas vezes o equipamento não era instalado de forma adequada e as transmissões eram prejudicadas.

Aliado ao surgimento da internet, os entrevistados citaram outro aparelho que revolucionou o rádio nas transmissões esportivas. O *codec* possibilitou que as emissoras se conectassem a outras e a qualquer lugar do mundo para transmitir o que for necessário. O

equipamento permitiu também que estas transmissões fossem feitas com maior qualidade sonora, tendo seu início por meio de linhas telefônicas e depois com a própria internet.

Com base nas pesquisas e entrevistas realizadas neste artigo é possível afirmar que o rádio passou e passará por mais transformações. As *webrádios* também conquistaram seus espaços, fazendo com que o meio não fique somente na forma tradicional, por meio do dial. Com isso, este estilo de fazer rádio tem um público mais amplo geograficamente, pois dessa forma qualquer pessoa em qualquer parte do mundo pode ouvir uma programação.

Mas além disso, com a modernização, o rádio convencional pode ganhar ainda mais qualidade sonora. Com o surgimento de novas tecnologias, o meio de comunicação deverá realizar transmissões externas, com a mesma qualidade de som de um estúdio. Sendo assim, o rádio segue firme e sendo um dos principais canais de comunicação, se adaptando as novas tendências.

Para futuros estudos sugere-se entender qual vai ser o novo formato do rádio, procurando saber se ele vai continuar com o modelo tradicional em *webrádios* ou se vai ser modificado, tanto nas coberturas esportivas, quanto na tecnologia das transmissões.



REFERÊNCIAS

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **Reportagem externa radiofônica: A experiência da emissora Continental na Construção da História do Radiojornalismo Brasileiro.** In: Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2005

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 484 p

BRAZ, Sandrine. **O rádio e a tecnologia: a evolução tecnológica do rádio no Brasil. Temática,** Paraíba, v.8, n.2, 2012.

CARDOSO, Márcio. Entrevista concedida em 9 de outubro de 2019.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. **O rádio enfrenta o horizonte digital do século XXI.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXX. 2007.

DIMAS, Rogério. Entrevista concedida em 9 de outubro de 2019.

FARIAS, Karina Woehl de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer, **Apontamentos históricos sobre o rádio AM no Brasil: uma periodização em ondas de mudanças até a migração para o FM.** In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, XI. 2017

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Segunda Edição. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2001.

FERRARETO, Luiz Artur. **O rádio antes do rádio: o Brasil como mercado para a indústria eletroeletrônica (1910-1920).** ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, XI. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** 2ª ed. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 1990.

KOCHHANN, Rosceli; FREIRE, Marcelo; LOPEZ, Débora C. **Rádio: Convergência tecnológica e a evolução dos dispositivos.** ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, VIII. 2011.

KUHN, Fernando. **O rádio na internet: rumo a quarta mídia.** 2000. 137 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284183>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

LOPEZ, Debora Cristina; REDIN DE QUADROS, Mirian. O rádio e a relação com o ouvinte no cenário de convergência: uma proposta de classificação dos tipos de interatividade. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 22, n. 3, 2015.

MARTINS, Emerson. Entrevista concedida em 16 de outubro de 2019.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais**. 1987.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Editora da Boa Prosa, 2012.

PRATA, Nair. **Tecnologia, um divisor de águas na história do rádio**. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, V. 2007.

RANGEL, Patrícia. **O Rádio e as Copas do Mundo – De 1938 a 2010**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXV. 2012.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de iniciação científica: os primeiros passos da pesquisa científica desde a concepção até a produção e a apresentação**. Palhoça: UNISUL, 2015.

RODRIGUES, Kelly de Conti. **O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação: contextos, produção e consumo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, IX. 2013.

ZUCULOTO, Valci. **As transformações da notícia de rádio na fase pós-televisão**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 1, n. 1, p. 34-45, 2004.